Marcelo Pontes, “Indefinição Política é fenômeno generalizado” (entrevista)

Jornal do Brasil, Carderno B / Especial, 31 de maio de 1987, p. 6.

Indefinição é fenômeno generalizado

Marcelo Pontes

SE alguém perguntar a um pobre se prefere linchar um assaltante ou dar-lhe direito de defesa, certamente ouvirá palavras de descrédito em relação à Justiça. Partindo de um exemplo como esse, tirado do dia-a-dia do cidadão comum, simon Schwartzman, 47 anos, PhD em Ciência Política, professor da Universidade de Berckeley, na Califórnia, e do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, aponta uma das razões para justificar por que as parcelas menos esclarecidas da sociedade parecem tão pouco democráticas, como revela a pesquisa do Ibope: elas se beneficiam menos da democracia.

É universal, segundo Schwartzman, a constatação de que as pessoas de nível intelectual mais elevado aceitam melhor a idéia de um sistema político aberto, até porque entendem mais do assunto.

Arquivo

Simon Schwartzman

— A maioria da população, exatamente a parcela mais pobre, e principalmente em países como o Brasil, não se importa muito com as chamadas regras democráticas, na medida em que elas fracassam ou não funcionam em seu benefício — diz Schwartzman.

Mas como justificar que precisamente os que mais descrêem do regime democrático sejam os que mais acreditam nos partidos políticos, peças básicas da engrenagem da democracia?

— A política partidária, em boa parte — responde Schwartzman — é mercantil, de clientela. "Você vota em mim que eu lhe dou um sapato, ou arranjo emprego para sua prima". É assim que os políticos agem. O PMDB consegue ser um partido majoritário porque também faz política fisiológica.

Bonitinho — Por isso, e porque também chegou ao poder, o PMDB não tem mais como principal charme a pureza que herdou dos tempos de

resistência democrática do antigo MDB. Aliás, partido puro, bonitinho, ideológico, diz o professor, não ganha eleição, muito menos exibindo o desempenho exuberante demonstrado pelo PMDB ao ano passado. Falar apenas em questões como a da dependência externa não dá votos. É assim em qualquer lugar do mundo, ensina Schwartzman. Partidos modernos se fazem combinando o atendimento dos interesses dos eleitores com planos de longo prazo. Ou seja, não podem atuar no varejo sem pensar no atacado.

— Não acho que o quadro partidário brasileiro seja tão ruim como gostam de dizer. Essa história de ficar esperando que um dia o Brasil tenha grandes partidos, como acham que existe em outros lugares, não tem sentido. Isso não é assim lá fora. No Brasil, os partidos não podem ter uma cor muito definida, têm que ser heterogêneos — diz Schwartzman.

O fato de fazer, bem ou mal, essa combinação do atendimento dos eleitores com propostas de fundo ideológico tornou o PMDB um partido forte, em sua avaliação.

— O problema é que o PMDB agora está sendo incapaz de comandar uma política de longo prazo. Esta é uma das dificuldades do atual governo. A primeira dificuldade vem do fato de o governo Sarney ser mais PFL do que PMDB, que é o partido majoritário. A segunda decorre do fato de o PMDB estar muito envolvido com a política clientelista. Nesse confronto, acaba ganhando o lado mais fisiológico, ou o mais demagógico, ou seja, o que fica a favor do governo na hora da distribuição dos cargos, e contra na hora de formulação das idéias.

No tapa — Democracia, define Schwartzman, com experiência de autor de um livro que faz análise do Estado em contraposição à forma de organização da sociedade — **Bases do autoritarismo brasileiro** (1982, Editora Campus) — é o resultado de um empate na sociedade. Ninguém manda. Mas se esse empate leva à paralisia da máquina governamental o desgaste é inevitável e contribui para o descrédito em relação às instituições regulares.

Eis aí uma explicação que Schwartzman também dá para a preferência que os entrevistados de curso primário da pesquisa do Ibope têm pelos regimes fortes e pela intervenção dos militares em assuntos de interesse popular. Na cabeça das pessoas mais pobres, imagina o professor, isso se passa assim: "já que não funciona desse jeito, tem que funcionar no tapa".

— O Brasil tem terreno para que apareçam pequenos Führer. Temos o exemplo paulista, podemos ter outro — diz, lembrando ao mesmo tempo de Jânio Quadros e de Leonel Brizola, este último com a vantagem de crescer na medida direta do fracasso do governo atual.

Schwartzman aponta três fórmulas que se fossem adotadas pelo sistema eleitoral brasileiro certamente mudariam o conceito que a população faz dos partidos e dos políticos:

— O voto facultativo estimularia os partidos a atuar permanentemente, pois precisariam mobilizar os eleitores para suas causas. Com o voto obrigatório, os partidos só procuram os eleitores em época de eleição. O voto cacareco, da pessoa que não está interessada no sistema político, é produto da obrigatoriedade de votar. Com a obrigatoriedade, tem-se voto mas não se tem participação. E sem a divisão do eleitorado em distritos não há estrutura partidária que ponha os representantes em contato permanente com o eleitor. Para completar, ainda poderia ser dado aos eleitores o poder de cassar o mandato de quem não o desempenha bem.